

## TÉCNICA, SEDUÇÃO E VIOLÊNCIA: A DERROCADA CORPORAL-AUTOMOBILÍSTICA NO ROMANCE CRASH DE J.G. BALLARD

Marlon Nunes Silva<sup>1</sup> (POSLING/CEFET-MG)  
marlonnunes2003@yahoo.com.br

**RESUMO:** O automóvel demonstra o meio como fim e o corpo refém da técnica vai de orgânico para inorgânico numa relação fáustica, sem limites, aparentemente irreversível que se aprofunda a cada instante de desenvolvimento da razão instrumental. Este trabalho partiu de uma abordagem fenomenológica para examinar a representação do desastre automobilístico, elemento fundamental de *Crash*; com o objetivo de investigar como esse tipo de acidente juntamente com os elementos a ele associados são retratados no livro. Para tanto, foram essenciais as concepções de Jean Baudrillard acerca do conceito de hiper-realidade, por meio das quais, buscou-se responder alguns questionamentos: o que há de sedutor no espetáculo da destruição e a estética proporcionada na violenta mistura entre os corpos e a tecnologia. O corpo, de metáfora maquínica, vai em direção à transcendência funcional. A contínua reproduzibilidade de modelos de simulação coloca os corpos diante de imagens que afunilam as subjetividades na sociedade globalizada com a ficção exercendo papel fundamental para a continuidade desse processo. O livro de Ballard antecipa uma relação inversa à visão apenas funcionalista do relacionamento entre o corpo e a máquina, indo além da extensão (próteses) dos limites biológicos, complemento orgânico ainda no modelo prometico. Em *Crash*, a técnica passa a ser desconstrução mortal do corpo; extensão da morte de um corpo confundido com a tecnologia na sua dimensão de violação dos órgãos, do gozo e do imaginário, inteiramente submetidos à marca, já fáusticos, hiper-reais.

**PALAVRAS-CHAVE:** acidente; simulacros; hiper-realidade; sexualidade, violência.

As duplicatas do sistema e o terror paradoxal proporcionado por eles

*[...] usei o carro não apenas como uma imagem sexual, mas como uma metáfora total da vida do homem na sociedade de hoje.*

J.G. Ballard

Segundo o Portal Brasil, morrem no Brasil por ano entre 42 e 44 mil pessoas em acidentes de trânsito e mais de meio milhão ficam feridas. De fato, talvez seja natural esse aumento nos acidentes, pois o número de veículos também tem aumentado consideravelmente devido políticas estatais que beneficiam a fabricação de automóveis. Um tipo de progressão geométrica (neomalthusianismo da máquina) deixando o trânsito insuportável, transformando em condição extrema; motivo pelo qual, métodos

---

<sup>1</sup> Marlon Nunes Silva é Mestre em Estudos de Linguagens pelo CEFET/MG e Bacharel Licenciado em Geografia pela PUC/MG.

interativos são utilizados para informar a situação das vias, através de ligações telefônicas ou mensagens enviadas via Internet para as emissoras de rádio. Esse espectro é absorvido, modelado e exibido através do *Mass media* como um gigantesco espetáculo. Relativamente ao vertiginoso crescimento da quantidade de veículos, mais *Velozes e furiosos*<sup>2</sup>, maior a hibridização da organicidade humana com as ferragens retorcidas nas beiras das estradas e nos abismos da vida. De acordo com McLuhan (1974, p. 250), o carro produziu o nivelamento e criou autoestradas urbanamente semelhantes.

Desde o advento do Fordismo já produzidos em série, duplicatas do sistema de produção, signos de *status* social, os automóveis modificam e aceleram a vida nas grandes cidades. Modos de vida fabris instituíram-se e com o auxílio do Taylorismo a administração tomou mais força, mais luz vinha a campo através da racionalização e instrumentalização do trabalho, causando uma estranheza no modo de sentir o mundo frente à contínua reprodução. Gatti (2013), no artigo *O ideal de Baudelaire por Walter Benjamin*, afirma que Baudelaire deu forma à angústia de uma existência ameaçada pela estranheza do mundo e pela temporalidade que corroía a vida. Pois Baudelaire referia-se às transformações causadas em alta escala pelas novas técnicas que borbulhavam já em sua época.

Quanto à reprodução das duplicatas do sistema nos textos *Réquiem para as Twin Towers e Hipóteses sobre o terrorismo*, Baudrillard (2003, p. 12), explanando seu ponto de vista sobre os atentados de 11 de setembro de 2001, afirma que o fato de que eram duas torres demonstra a perda da referência original, se fosse apenas uma, o monopólio dos simulacros não estaria caracterizado. Ponto chave que verifica a violência dos códigos multiplicados, uma espécie de terror aos imaginários. Então a figura do terrorista torna-se fascinante para além do bem e do mal justamente por ter sido criada pela imposição violenta da ordem global. Essa imposição simulada caracteriza uma espécie de *Arquitetura da destruição*, através de um Bem, que se impõe sobre os outros como caráter de verdade.

As análises de Baudrillard relativas ao terrorismo demonstram que tem sido triunfal questioná-lo diante das imposições mercadológicas da Nova Ordem Mundial. É

---

<sup>2</sup> *Velozes e furiosos* é um filme americano de ação e corrida de rua de 2001, dirigido por Rob Cohen seguido de mais cinco sequências. O filme conta a história de Brian, um policial novato que se infiltra no mundo das corridas ilegais de carros “tunados” nas ruas de *Los Angeles* para capturar o responsável por diversos roubos a caminhões nas estradas próximas à cidade. Coincidente ou ironicamente durante a realização desta pesquisa, a estrela Hollywoodiana de *Velozes e Furiosos*, Paul Walker faleceu em um acidente automobilístico no estado da Califórnia, EUA; O destino de Walker foi o mesmo de James Dean.

preciso analisar o terror e o mal como aquilo que eles são de fato, como forma transpolítica, expressão da natureza do homem e o fascínio que provoca a presença dos dois no corpo social, pois, eles substituem a guerra convencional e a exacerbação do jogo e do código político pela violência e morte.

Para Baudrillard (2003) o terrorismo é um acontecimento supracondutor e viral, expressão do mal em estado puro, multiplicado pelos meios de comunicação através da virulência das imagens e do discurso de democracia do bem, que é distribuída ao restante do mundo com bombardeios de caças supersônicos, porta-aviões, metralhadoras, mísseis de última geração e a panóplia de segurança midiática. “A simulação é como o grau zero dos signos: ela é o termo não-marcado que se opõe ao termo marcado como ausência significante” (MELO, 1988, p. 59). Nesse sentido, o livre-arbítrio pode ser então comparado ao grau zero entre o Bem e o Mal, uma simulação em nome de um valor-signo, para além do materialimagético em nome de interesses, sejam eles quais forem.

Considerar o terrorismo como acontecimento supracondutor do mal significa que seu poder não advém de uma ação contra o Estado, mas do próprio sentido de humano que o define. Significa considerar que ele irradia-se pela sociedade porque evoca o que está escondido: o inumano, a barbárie. Aqui se faz a comparação do tipo de terrorismo (atentado) às Torres Gêmeas com o terrorismo das imagens de *Crash*. O terrorismo está tanto para o Bem quanto para o Mal, reflexo de imposições globais. Uma medida extrema para uma época extrema.

Baudrillard afirma que “É a doença que comanda toda a patologia contemporânea, porque é a própria forma da virulência do código: redundância exacerbada das mesmas células” (BAUDRILLARD, 1991, p. 130). O próprio Vaughan reconhece a condição patológica da tecnologia que intercala os fazeres humanos. Em *Crash* há uma justaposição irônica entre doença e assepsia, pois, o peso do corpo é insuportável, então, os personagens entregam-se em deleite híbrido, tentando ou satisfazendo o seu desejo de desaparecimento.

O Projeto de Vaughan: um Fausto em *Crash*

*Tornai-me a aparecer, entes imaginários, que me enchieis outrora os olhos visionários! Poder-vos-ei fixar?... Tenho inda coração capaz de se render à vossa sedução?*

Goethe

McLuhan (1974, p. 86) indicava que o impacto dos veículos, causaria o espalhamento do modelo de metrópole moderna transformando-as em desastres automobilísticos. Esse autor salientava ainda que o carro tornara-se uma espécie de extensão dos nossos corpos, construídos para amenizar nosso estresse físico, mas produzindo um estresse psíquico ainda mais prejudicial, liberando uma furiosa descarga de energia.

Vaughan é um entusiasta dos acidentes, do sexo e da junção desses dois. Para ele, os mortos seriam mediados através dos acidentes. Pode-se afirmar que ele coloca a energia do seu órgão genital ao volante, projetando uma cena estética futura, levando Ballard a ficar confuso, mas se sentindo extremamente atraído pelo projeto proposto por Vaughan: o conjunto destrutivo que envolve sexo e tecnologia. Paula Sibilia (2002, pp. 16-19) explica que as tendências fáusticas de fabricação de seres humanos que pertenciam ao universo ficcional, passam a ser discutidas em várias escalas da vida. Ela explica que as várias metáforas do homem-máquina utilizadas no decorrer dos séculos podem estar se concretizando, pois agora a humanidade possui ferramentas para se automodificar, edificando corpos e mundos de acordo com o instrumental da tecnociência.

Etimologicamente o termo “projeto” deriva da palavra latina *projectus*, “ação de lançar para a frente” (HOUAISS, 2001, p. 2308). Em formato de balas bélicas e flechas, o *design* dos carros vem se aperfeiçoando a cada dia para o aumento da velocidade, desviando-se da natural força dos ventos. Lançando os corpos, como exposto por Vaughan, num futuro sem limites tecnológicos, semeando a explosão de energia sexual e provando o duplo a partir da imagem dos que já morreram. Em analogia, assim como Fausto perde o controle de sua mente diante de Mephistófeles, Vaughan perde o controle diante da técnica automobilística. Seu ilimitado fascínio pelas transformações do corpo em contato com as tecnologias pode ser visto quando ele tatua no peito um mecanismo que lembra engrenagens.

Os automóveis contribuem significativamente para o desastre urbano, a violência é colocada à prova em todos os momentos nas retas, curvas e encruzilhadas. O resultado de toda essa “revolução” é o aumento das chacinas rodoviárias e a sua espetacular repercussão na mídia: o rádio, a televisão, o cinema, etc., que passaram a exibir os desastres, a destruição dos automóveis e dos corpos, naturalizando esse processo em um hiperespetáculo. Esse caráter de desaparecimento do sujeito é exibido em centenas de cenas do cinema *pop*: perseguições, bombas, velocidade e destruição generalizada, esse

é o cardápio protagonizado pela indústria cultural que faz sucesso, a banalização generalizada da violência:

O que as pessoas mais desejaram, que é a sociedade de consumo, aconteceu. E como em todos os sonhos que se realizam há uma aflitiva sensação de vazio. Assim elas esperam por qualquer coisa, acreditam em qualquer extremo. Qualquer absurdo extremista é melhor que nada... Penso que estamos na pista de toda espécie de loucura. Penso que não há limite para todo tipo de absurdos que vão aparecer. O futuro será entediante (BALLARD *apud* SVENDSEN, 2006, p. 88).

Máquinas com seus *gadgets* projetam um futuro que absorve e toma o lugar do presente, semiurgia dos efeitos especiais, ciência da manipulação, força ideológica dos discursos: social, político, sexual, etc.. Segundo Svendsen, como o sonho da sociedade de consumo se realizou, agora sobra o vazio. Resta então acreditar em qualquer coisa, como o universo tecnológico é o predominante, acredita-se em suas promessas de melhoramento da existência no mundo.

Sexo e tecnologia são o centro do universo de *Crash*, sendo a subjetividade do corpo relegada ao segundo plano em favor da hiper-realização. O corpo então pode ser enxergado como vítima da imposição do gozo tecnológico mediado pelas próteses, representadas. Os personagens de *Crash*, vítimas do histórico paroxismo, recorrem ao acidente como meio de transgressão, liberação de energia sexual, pulsão de morte, em meio ao *brainstorm* mercadológico das concessionárias, funcionam como um choque de verdade; é isso que *Crash* propõe: sentir o corpo realmente, mesmo que mutilado ou morto no momento do desastre, momento de reflexão extremamente individual sem a interferência da publicidade. No momento do acidente, o corpo não é absorvido pelas páginas das revistas, pelo teatro dos jornais sensacionalistas e pela reflexiva sedução das telas. O projeto da dualidade cartesiana entre material e ideal e os discursos da tecnociência, enfatizados por Paula Sibilia (2002, p. 95) no texto *O espírito na carne: a teimosia da organicidade* estão esboçados em *Crash*, sendo os seus personagens, vítimas dessa dualidade.

As quatro causas aristotélicas parecem nunca ter chegado a possuir tanta força antes da sociedade globalizada e assim o círculo vicioso da tecnologia continua. Um vaivém pornográfico desmesurado, hiper-real em *zoom*. Automação e cibernação operada com todas as unidades componentes do processo científico-mercadológico, da inter-relação que se observa na indústria e no mundo do entretenimento; da velocidade elétrica

instantânea, produzindo a extensão desse processamento mediante os sistemas nervosos centrais aprofundando a era mecânica de Gutemberg.

De acordo com McLuhan (1974, pp. 390-391) a automação cibernética traz a produção em massa não em termos de tamanho, mas de abrangência inclusiva, instantânea e interativa. Basta enviar um *Short Message Service (SMS)* e a mágica está feita; empunhar sua câmera, filmar e enviar o vídeo para uma emissora de televisão, pronto, o fetiche está realizado, interagimos, fomos seduzidos; ou ainda twitarmos as *hashtags* (#) nas *homepages* e nas *timelines*. Sedução que está implícita no modelo social contemporâneo, em seus objetos e elementos, os corpos em algum momento, transformam-se em códigos. Importante salientar que essa magia tecnológica, diferentemente da descrita por Mauss (2003) sobre as sociedades primitivas, não tem caráter natural (ou ritual), mas material, no sentido de que vai de objeto para objeto constituindo uma reprodução infinitesimal.

Os automóveis por estarem imersos no universo da técnica tornam-se materialmente mágicos como tantos outros objetos, meio de *status* social, meio de destaque conquistando os imaginários com a sua imponência. As pessoas que possuem os mais novos lançamentos tecnológicos são consideradas atualizadas e, ao entrarem em contato com objetos, cada vez mais velozes e renovados, sentem-se mais introduzidas na velocidade da sociedade de consumo, *upgrade* total, das máquinas e dos corpos. O corpo desloca-se com maior rapidez e fluidez, falsa idealização perante a intensificação do tráfego e dos constantes congestionamentos veiculares nos grandes centros urbanos e nos *bugs* do milênio e dos computadores de bordo.

Além desses aspectos o carro transformou-se em símbolo referencial de sexualidade, são depositados nele os desejos mais obscurecidos. Para Svendsen (2006), no mundo tecnologicamente entediado o corpo biológico já não mais satisfaz nossas fantasias, sendo o automóvel, muitas vezes, utilizado como aparato protético de satisfação sexual (fetichismo). Pois, para o corpo bastar-se, é preciso transgredir a sua ordem biológica. Em *Crash* os automóveis funcionam como próteses sexuais, assim como hoje, os computadores também o fazem.

A entediante vida tecnológica e a transgressão como afirmação da morte

Diante da insurgência tecnológica, o corpo analisado e violentado por intermédio da técnica, é agora entediado e como fuga busca a violência, a transgressão. “A destruição

equipara-se à vida, enquanto o tédio equipara-se à morte” (SVENDSEN, 2006, p.89). Svendsen (2006, p.89) ainda explica que o desajustado ao colocar sua vida em risco, vive. Transgredir é a cura para o tédio, pois é preciso sempre procurar, correr atrás do fim como instância reguladora da vida. Nessa perspectiva é preciso colocar ironicamente a vida em risco seguindo o exemplo dos personagens de *Crash*. Svendsen (2006) define *Crash* assim:

*Crash* é [...] entediante sobre pessoas entediadas. Um mundo que se tornou totalmente objetivado e desprovido de todas as qualidades não pode ser senão entediante. Fugindo deste tédio, o homem se lança a transgressões cada vez mais extremas [...] (SVENDSEN, 2006, p. 89).

No artigo *Jacques Lacan e a clínica do consumo*, Márcia Rosa (2010, p. 158), utilizando palavras do psicanalista, afirma que para a maioria das pessoas a ciência se reduz àquilo que ela oferece, isto é, se reduz aos artefatos de consumo: “[...] a televisão, a viagem à lua [...]”, e todo o universo material que as cerca. Sendo assim, a partir dos pontos de vista de Lacan e Svendsen, considera-se que a exposição generalizada torna-se entediante. Onde tudo é pornográfico, onde há exibição completa em *zoom* e *slow motion*, rapidamente, extingue-se o mistério, conseqüentemente o desencantamento da própria existência; através das descobertas da ciência tudo deve servir para algo em profundidade.

A crítica de Baudrillard decorre basicamente desse movimento desvelador: “[...] o desvelamento [...] põe fim ao inconsciente e ao desejo” (BAUDRILLARD, 1990, p. 19), tudo é político, tudo é sexualidade no instante que a política está em ruínas e o sexo involui diante do hiper-real da sexualidade supostamente liberada. Baudrillard (1984, p. 24) na obra *Esquecer Foucault*, afirma que nunca houve repressão do sexo, mas a imposição de sua produção e exposição. A partir daí, pode-se afirmar que uma sexualidade patológica é posta em *Crash*. *Vaughan*, herói/vilão da trama, descreve que ele e seus companheiros sofrem um tipo de “psicopatologia benevolente”, afirmação que reflete o estado febril das sociedades sexualmente catalizadas. As caóticas relações entre sexo e tecnologia dramatizadas em *Crash* são sinonímia viral que se multiplica incessantemente atacando por todos os lados os sistemas neurais, causando uma metástase que se espalha por todo o restante do corpo social e que em particular atinge uma das suas mais importantes características, o imaginário.

Bataille (1987) considera o erotismo como um desequilíbrio em que o próprio ser se põe conscientemente em questão, quer dizer com isso que, por mais comedidos que sejamos algum ato violento pode manifestar-se há qualquer momento. Nesse sentido, há

na natureza e subsiste no homem um movimento que sempre excede os limites, e que é reduzido parcialmente por outras atividades, por exemplo, o trabalho e a festa. Por esse exceder-se, em geral, não podemos responder de forma racional.

A transgressão não é mais que o interdito, mas a decomposição que complementa essa festa do consumo. A festa é o ponto culminante, por exemplo, da atividade religiosa, acumular e gastar são as duas fases que compõem essa atividade. Por isso a transgressão pode ser vista como valor adicional ao interdito. A festa tecnológica continua no eterno carnaval do exagero. Com a imposição do erótico sobre a sociedade, mesmo com o necessário desperdício de objetos e da energia sexual nas orgiásticas festas contemporâneas, o tédio social provocado por esses excessos descritos por Svendsen e Bataille não conseguem amenizar a afunilação do imaginário, portanto, os atos violentos continuam a acontecer.

Enfim, o universo onde vivemos não responde a nenhum fim que a razão possa limitar totalmente. A posição de Bataille justifica o comportamento dos personagens em *Crash*: criam um tipo de culto religioso festivo, no qual se encontram para celebrar seus desejos mais sombrios e violentos, consumindo objetos e seus próprios corpos na tentativa de satisfazer a sua vontade, dessa maneira, tentam libertar-se do universo tedioso da angustiada *hýbris* tecnológica.

A partir das perspectivas de Bataille, todos em algum momento podem violentar-se em prol da satisfação dos desejos mais reprimidos. E os personagens de *Crash*, como zumbis, caminham à espera da consagração de suas tediosas vidas no extermínio ou no autoextermínio mediado pela tecnologia. A psicopatologia do trânsito aparenta uma guerra, não com os mesmos mecanismos literalmente, mas com a presença simulada da virulenta destruição, auxiliada pela publicidade sobre os auspícios da técnica.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ARQUITETURA DA DESTRUÇÃO. Documentário. Dir. Peter Cohen. [1989] Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=n9s00HRB\\_rc](http://www.youtube.com/watch?v=n9s00HRB_rc)>. Acesso em: janeiro de 2013.

BAUDRILLARD, Jean. *Power Inferno*. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre. Sulina, 2003.

\_\_\_\_\_. *Simulacros e simulação*. Trad. Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

\_\_\_\_\_. *A Transparência do mal: ensaio sobre os fenômenos extremos*. Tradução Estrela dos Santos Abreu. Campinas: Papirus, 1990, 10ª ed. 2008.

BALLARD, J.G. *Crash: estranhos prazeres*. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.



- BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L & PM, 1987.
- CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- HEIDEGGER, Martin. In: *Ensaio e conferências. A questão da técnica*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. 5ª ed. Petrópolis : Vozes; Bragança Paulista : Editora Universitária São Francisco, 2008.
- GATTI, Luciano F. *O ideal de Baudelaire por Walter Benjamin* [2008]. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/trans/v31n1/v31n1a07.pdf>>. Acesso em: 08 de março de 2013.
- HOUAISS Antônio; VILLAR, Mauro; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Nayf, 2003.
- MELO, Higyna Bruzzi. *A cultura do simulacro: filosofia e modernidade em Jean Baudrillard*. São Paulo, Loyola, 1988.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Tradução de Décio Pignatari. 4º ed. São Paulo: Cultrix, 1974.
- PORTAL BRASIL. *País promove Dia Mundial em Memória das Vítimas de Trânsito*. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2013/11/acoes-promovem-odia-mundial-em-memoria-das-vitimas-de-transito>>. Acesso em: 16 de novembro de 2013.
- ROSA, Marcia. *Jacques Lacan e a clínica do consumo*. In: *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, vol. 22, 2010.
- SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2002.
- SVENDSEN, Lars. *Filosofia do Tédio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- TERRA. *Novas informações de Snowden sobre espionagem podem prejudicar EUA mais ainda*. [2013] Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/novas-informacoes-de-snowdensobre-espionagem-podem-prejudicar-eua-maisainda,4bf6fb8609ecf310VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html>>. Acesso em: 14 de julho de 2013.